

ISSN: 0084-9189

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLIII - 2004

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RAZÕES PARA UMA HOMENAGEM

Completa 70 anos, a 3 de Novembro de 2004, o Doutor Jorge Nogueira Lobo de Alarcão e Silva, professor catedrático aposentado da Universidade de Coimbra.

Justo é, pois, que a revista *Conimbriga* lhe dedique este número de 2004, ainda que se não tenha querido juntar aqui – como geralmente acontece – um conjunto de artigos relacionados com as temáticas que, ao longo da sua vida académica, tem abordado, saídos da pena dos que são seus admiradores ou discípulos. Preferimos, ao invés, fazer uma revista com as características (quase) habituais. Primeiro, porque, numa antologia, esse objectivo se almejou e aí cabe, por exemplo, a sua biobibliografia; depois, porque tão vastas e variadas têm sido as temáticas a que Jorge de Alarcão se dedica que não bastariam as páginas de um volume, ainda que duplo ou triplo, para todas elas conter.

Nasceu a revista *Conimbriga*, no já longínquo ano de 1959, com finalidades bem explícitas no texto que, nesse primeiro número, precede os 9 artigos que dela constam, seguidos de breves documentários noticiosos (diríamos), pois se assumia verdadeiramente como ‘a revista do Instituto de Arqueologia’ – nem há nomes de responsáveis nesse volume, só no II-III é que surgem, integrando a Comissão de Redacção, os dois catedráticos de História, Lopes de Almeida e Mário Brandão, secretariados por J. M. Bairrão Oleiro.

E os objectivos eram: «Ser uma revista de Arqueologia, aberta no entanto a todas as contribuições que outras ciências» à Arqueologia possam dar; aceitando a «colaboração de arqueólogos de todas as nacionalidades», reservará «um maior lugar aos portugueses»; promoverá o intercâmbio científico com outras publicações e instituições congêneres. E considerará «uma das suas mais importantes finalidades: recolher e divulgar trabalhos dos estudantes e colaboradores do Instituto; revelar novas vocações e nomes desconhecidos; estimular os que começam e prometem fazer trabalho sério, útil e digno; servir de elo de ligação entre todos os que aqui orientaram os seus interesses culturais para a Arqueologia ou sentiram a fascinação de tão apaixonante ciência».

Em 1965, a partir do volume IV, já o nome do Licenciado Jorge de Alarcão surge a secretariar a Comissão de Redacção dirigida por Lopes de Almeida. De 1974 a 1976, já doutorado, preside à Comissão que, a partir dessa altura, integra apenas os nomes de Mário de Castro Hipólito e Adília Alarcão. No vol. XVI (1977) e até ao XX, a referida Comissão agregará a si os três assistentes entretanto admitidos no corpo docente do Instituto: José d'Encarnação, Vasco de Souza e Vasco Mantas. De 1982 a 2001, Jorge de Alarcão assumirá as funções de Director, cabendo-me a mim as funções de secretário. Cessaria funções em seguida, por motivo da aposentação. Ou seja, toda a sua vida académica esteve intrinsecamente ligada a esta revista, que foi, sem dúvida, o seu *ai-jesus*, tendo sempre em mente os objectivos prefixados.

Nela publicou muitos dos seus trabalhos e se noutros locais se traçou já o seu perfil de homem de Ciência¹ – e decerto outras vezes se falará – permita-se-me que, como seu directo colaborador desde 1976, assinale dois ou três aspectos que se me afiguram mais salientes no seu percurso. Um percurso que – importa dizê-lo! – segue, naturalmente, as tendências de uma ciência que, apesar de

¹ Veja-se, por exemplo, *Arqueologia*, 11, Junho de 1985, p. 135-139, ou o elogio que lhe foi feito, em plena Sala dos Capelos, pelo Doutor João Lourenço Roque, a 17 de Abril de 1983, aquando do doutoramento *honoris causa* do Prof. Robert Étienne, de que foi o apresentante – cf. *Biblos*, LIV, 1983, p. 498-506.

lidar profundamente com o Passado, se apresenta bem viva e bem ligada ao Presente e às concepções que de si próprio e dos seus antepassados o Arqueólogo se vai embebendo.

Dizia-se atrás que detinha a Arqueologia o fascínio de uma ciência «apaixonante». Para Jorge de Alarcão, embrenhar-se por essas veredas foi, sem dúvida, forte impulso de paixão. A cidade romana de Conímbriga preencheu os seus anos até ao doutoramento e resultou do contacto quase diário com os objectos que, ali e noutros locais, das ruínas se retiravam, designadamente a delicadeza singular dos vidros² e o quotidiano antigo retratado na cerâmica comum³, o seu primeiro fascínio. Depois, vieram os espaços – arquitecturas, jardins, territórios⁴... Nisso, teve culpas S. Cucufate e os largos horizontes que, do piso superior da *villa*, a perder de vista se descerravam...

Que povos, afinal, andaram por aqui, antes dos Romanos e mesmo durante o seu tempo? Impunham-se novas sínteses para daí renovadas análises se gizarem⁵. E de que perspectivas teóricas tudo isso se deveria encarar?⁶

Escalando um monte, abrem-se horizontes, põem-se questões, descobrem-se belezas, adivinha-se o Homem por detrás das árvores plantadas, do casario erguido, das searas semeadas...

«Ficou deserto o casarão, pasmado, amargurado de tanta solidão. Agora, quem o visita, se o souber entender, o ressuscita; mas há-de imaginar a herdade acordando com o cantar amarelo dos galos, a fadiga dos criados ou a mansidão do convento»⁷.

² V. g.: “Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve”, *Conimbriga*, 7, 1968, p. 7-39.

³ Teve tradução francesa a sua dissertação de doutoramento: *Céramique Commune Locale et Régionale (Fouilles de Conimbriga, V)*, Paris, 1975.

⁴ V. g.: “Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal”, *Conimbriga*, 37, 1998, p. 89-119.

⁵ *Roman Portugal*, Warminster, 1988; “Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), 2001, p. 293-349...

⁶ *A Escrita do Tempo e a Sua Verdade*, Quarteto, Coimbra, 2000.

⁷ ALARCÃO (Jorge de), *S. Cucufate (Roteiros da Arqueologia Portuguesa – 5)*, IPPAR, Lisboa, 1998, p. 55.

Assim, na ressurreição da *villa* romana – como, logo em seguida, a mesma pena saborosamente fará renascer uma cidade, a ‘sua’ cidade, Conímbriga:

«Havia ali seis sepulturas, uma delas com saquinho de moedas poisado bem junto à alma. Como se a eternidade se comprasse por tão baixo preço, ou fosse a vida tão barata no outro mundo...»⁸.

«Corpo sobre o quadrado; fundo côncavo; gargalo cilíndrico e largo; bocal afunilado, decorado externamente com um fio de vidro da mesma cor; bordo polido ao fogo...»⁹ – fica-se a saber exactamente como era a garrafa; e isso se pede ao arqueólogo. Mas, acima de todos os pormenores descritivos, por detrás desse gargalo, houve as mãos que o levaram ao fogo, numa simbiose de técnica e de beleza. E tal simbiose, na miúda observação dos objectos, dos muros e das paisagens, a Arqueologia transmitiu a Jorge de Alarcão – que, por sua vez, em textos bem burilados, no-la tem sabido retransmitir. Por isso, a nossa homenagem!

Cascais, Agosto de 2004

José d'Encarnação

⁸ *Conimbriga – O Chão Escutado*, Edicarte, Lisboa, 1999, p. 82.

⁹ In *Conimbriga*, 7, 1968, p. 32.